

Da produção à recepção: histórias de leitura de *Contos Fluminenses*, de Machado de Assis

From production to reception: reading stories of Contos Fluminenses, by Machado de Assis

Valdiney Valente CASTRO*
Faculdade Estácio do Amapá (FAMAP)

RESUMO: A antologia *Contos Fluminenses*, de Machado de Assis, teve a primeira edição lançada em 1869, contendo sete narrativas, seis delas extraídas do *Jornal das Famílias*, periódico moralizante de Baptiste Louis Garnier, dirigido às gentis leitoras. Apesar de um contrato vantajoso e de uma recepção elogiosa, a recepção dessa primeira edição não demonstrou credibilidade à feição contista do escritor. No entanto, em 1899, trinta anos depois, a obra teve uma segunda edição com grande sucesso de vendas e repleta de aplausos dos jornais ao desenvolvimento do gênero conto. Incide nesse ponto o objetivo deste texto: analisar a história das duas edições da antologia e das recepções saídas nos jornais à época em que foram publicadas, a fim de compreender o processo de consagração da obra por meio das páginas avulsas.

PALAVRAS-CHAVE: Contos Fluminenses. Machado de Assis. Jornal. Recepção.

ABSTRACT: The anthology *Contos Fluminenses*, by Machado de Assis, had its first edition launched in 1869, containing seven narratives, six of them extracted from *Jornal das Famílias*, a moralizing journal by Baptiste Louis Garnier, aimed at kind readers. Despite an advantageous contract and a welcome reception, the reception of this first edition did not demonstrate credibility to the writer's short story. However, in 1899, thirty years later, the work had a second edition with great sales success and full of applause from newspapers for the development of the short story genre. The objective of this text focuses on this point: to analyze the history of the two editions of the anthology and of the receptions that appeared in the newspapers at the time they were published, in order to understand the process of consecration of the work through the individual pages.

KEYWORDS: Contos Fluminenses. Machado de Assis. Newspaper, Reception.

* Doutor em Letras pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professor da Faculdade Estácio do Amapá (FAMAP). E-mail: valdiney.castro@estacio.br

Introdução

Como toda grande personalidade, Machado de Assis granjeia em torno de seu nome numerosas pesquisas, publicações e eventos. Esses trabalhos, que se avolumam a cada ano, surgem em virtude de ele ser considerado, desde os últimos anos do século XIX, o chefe das letras nacionais com produções, por mais de cinco décadas, em gêneros variados: teatro, poesia, crônica, romance e conto.

Mesmo Machado tendo começado tardiamente no romance, somente em 1872 sai *Ressurreição*, quando já escrevia havia mais de uma década, não se pode dizer que o autor não revigorara o gênero. Ao contrário. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, saído a princípio em 1880, é tido como um divisor de águas não só na obra do ficcionista como na história do romance no Brasil. Se Machado revitaliza esse gênero, com apenas nove romances, no gênero conto, então, cuja produção extrapolou mais de duas centenas, é possível afirmar que não só praticamente introduziu as histórias curtas no cenário nacional, como também as amadureceu.

Por mais que Machado já tivesse estreado como contista, nos jornais *A Marmota*, de Paula Brito, e *O Futuro*, de Faustino Xavier de Novaes, foi a partir do *Jornal das Famílias*, de Baptiste Louis Garnier, que ele se dedicou com afinco a essas narrativas. A folha tinha periodicidade mensal e de 1864 a 1878, quase todo o período de duração do jornal, Machado foi um assíduo colaborador, o que resultou em mais de oitenta histórias.

O impresso do editor francês tinha uma proposta moralizante, ensinando às gentis leitoras a tornarem-se esposas e mães adequadas às necessidades da sociedade carioca em efervescência com as requintadas novidades europeias. Para atender especificamente a esse mercado, o jornal continha muitas páginas destinadas a conselhos de como atender o marido e dedicar-se ao lar, além de páginas produzidas na França sobre as novidades no mundo das modas. Apesar de, obviamente, ser um suporte caro, tanto pela quantidade de páginas quanto pelas ilustrações importadas, ele foi um sucesso: além da Cidade da Corte, circulava em várias províncias, ajudando a projetar a imagem de Machado no cenário nacional.

A seção de grande destaque era a de “Romances e Novelas” e por elas desfilaram os primeiros personagens da ficção machadiana. Nesses escritos, mesmo em

um jornal moralizante, o casamento por amor, destituído de pretensões materiais e sociais, raramente estava presente. Os enlaces amorosos que culminam com o casamento, apesar de serem muito recorrentes, muitas vezes são compostos como uma obrigação inevitável, ou marcados pela infidelidade tanto do marido quanto da esposa, ou, ainda, constituídos para destacar o interesse material e, quando isso ocorre, as jovens e ricas viúvas são as vítimas por excelência.

Em 1878, os volumes do *Jornal das Famílias* passaram a assinalar os locais de venda dos livros publicados nas prensas de Garnier, onde também deveriam ser feitas as assinaturas do jornal¹. Nessa lista constam trinta correspondentes distribuídos pelo país e ainda Braga, Porto, Lisboa e Paris. Os estados divulgavam em seus jornais o empreendimento do editor francês e o sumário dos números que saíam, o que ajudava a consagrar o nome do autor por todo o território nacional, por mais que alguns contos publicados no pomposo jornal não fossem assinados por ele. De norte a sul, o *Jornal das Famílias* adentrava sedimentando não apenas as belas letras de caráter nacional, como também o nome de Machado de Assis, principal escritor dos contos saídos na folha.

1 As edições dos *Contos Fluminenses* por meio das fontes primárias

A coletânea *Contos Fluminenses*, publicada primeiramente em 1869, foi composta de sete histórias: “Miss Dolar”, escrito especialmente para a coletânea, e os seguintes contos recolhidos do *Jornal das Famílias*: “Luís Soares”, de 1869; “A Mulher de Preto”, de 1868; “O Segredo de Augusta”, de 1868; “Confissões de uma Viúva Moça”, de 1865; “Linha Reta e Linha Curva”, de 1865 e 1866, e “Frei Simão”, de 1864.

O conto inédito inicia por apresentar as possíveis compreensões dos leitores diante do enigma “Miss Dólar”. Após descrevê-las, o narrador revela que a personagem é, na verdade, uma “cadelinha galga²” e começa a tratar de sua dona, a viúva Margarida,

¹ Lúcia Granja empreendeu uma vasta pesquisa sobre a livraria e editora de Baptiste Louis Garnier. Em: “Chez Garnier, Paris-Rio (de homens e de livros)” (2018), a estudiosa, ao tratar do famoso jornal, cita a lista de correspondentes e realça a importância do editor francês para o estabelecimento do cânone nacional.

² O nome do animal como título é significativo, pois é a fuga da cadelinha que promove a união do casal. De igual modo o cachorro Quincas Borba, no romance homônimo, é uma parte da herança que Rubião recebe e o acompanha na história. O fato de o conto ter o título do nome do animal seria um embrião do

e de sua relação com o jovem médico Mendonça. O casal se conhece quando ele devolve o animal, que estivera perdido, à bela dama, despertando-lhe a atenção, apesar de ela duvidar de haver apenas interesse dele em sua fortuna. Constrói-se, assim, aquilo que seria muito comum nessas curtas narrativas machadianas: uma jovem viúva, linda e rica, um rapaz abastado e o conflito amoroso pautado pelos interesses financeiros.

Além desse, quase todos os demais contos da coletânea brotaram do *Jornal das Famílias*, com exceção de “Linha Reta e Linha Curva”, que é uma reescrita da peça “As forças caudinas”, escrita entre 1863 e 1865. Ana Claudia Suriani da Silva (1998) estudou a história dessa narrativa, desde a autenticidade dos manuscritos da peça por Eugênio Gomes e Galante de Sousa, a partir da letra e do estilo de Machado, até a adaptação em conto para figurar no *Jornal das Famílias* e depois a última alteração para a coletânea.

Para a reescrita em conto de jornal, algumas cenas foram suprimidas, alguns personagens mudaram de nome ou condição social e alguns parágrafos foram acrescentados para estabelecer continuidade à narrativa. Já a alteração para a coletânea foi menos trabalhosa, mas não menos brusca: o autor cortou todo o último parágrafo que conferia um tom moralizante ao conto.

Somente quando colocamos as duas versões impressas lado a lado é que podemos perceber que todo o capítulo foi abandonado. No folhetim o capítulo é visível e estampa a intenção moralizante da narrativa. Com a eliminação do capítulo final, a moralidade do comentário que conclui a narrativa é definitivamente apagada. Podemos dizer que o escritor deseja limitar a narrativa à célula dramática que a originou e libertar “Linha reta e linha curva” (que comporia, com outros escritos, o primeiro volume de contos do escritor) do forte tom moral com que o capítulo fecha a versão folhetesca (SILVA, 1998, p. 13)

A estudiosa suspeita que esse corte deva ter ocorrido porque o autor não queria que a história tivesse o mesmo tom moralizante da sua versão para o periódico. Isso sugere que o autor não apenas escolheu os contos, mas pensou na recepção dos leitores, por isso a alteração. É provável que Machado tenha percebido que a conclusão construída anteriormente era fastidiosa e desnecessária, em razão de a composição não ser destinada ao moralizante *Jornal das Famílias*, e não que o autor quisesse estabelecer uma unidade de aproximação entre as histórias selecionadas.

título do romance? Vale ainda lembrar que, enquanto no romance, o cachorro Quincas Borba morre três dias após o seu dono, no conto, a cadelinha morre atropelada ao final.

Massa (1971), assim como Bosi (1982), argumentam que, em todas as narrativas da coletânea, os malfeitores são castigados, por isso o biógrafo francês afirma que há uma aproximação entre as histórias, pois todas são moralizantes, pedagógicas e contra a hipocrisia, o que marcaria esses primeiros escritos do autor. De fato, ao se considerar o suicídio do esbanjador protagonista, em “Luís Soares”, a morte do personagem arrependido por não ter desfrutado de sua amada em “Frei Simão” e ainda os planos naufragados do interesseiro Vasconcelos, em “O Segredo de Augusta”, percebe-se que há, nesses contos iniciais, o cuidado em punir o mau caráter.

Essa punição ganha mais relevo pela maneira como é incorporada na narrativa. Em “Frei Simão”, os pais do protagonista são assim apresentados:

É preciso dizer que os referidos pais eram de um egoísmo descomunal. Davam de boa vontade o pão da subsistência de Helena; mas lá casar o filho com a pobre órfã é que não podiam consentir. Tinham posto a mira em uma herdeira rica, e dispunham de si para si que o rapaz se casaria com ela. (*JORNAL DAS FAMÍLIAS*, junho de 1864, p. 3)

O “egoísmo descomunal” não poderia ficar sem castigo: nas últimas linhas do conto, o narrador esclarece que a mãe do religioso morre, e o pai termina seus dias como um louco, trancado na mesma cela de Simão. Dessa maneira, o cruel pai é punido com a reclusão e a loucura, como a passar pelos mesmos dissabores que o filho.

O castigo também se evidencia no final do conto “Confissões de uma Viúva Moça”: após a morte do marido, a apaixonada Eugênia é abandonada por Emílio por meio de uma carta de despedida, o que deixa a personagem consternada:

Avalias facilmente como fiquei depois de ler esta carta. Era um castelo que se desmoronava. Em troca do meu amor, do meu primeiro amor, recebia deste modo a ingratitude e o desprezo. Era justo: aquele amor culpado não podia ter bom fim; eu fui castigada pelas consequências mesmo do meu crime. (*JORNAL DAS FAMÍLIAS*, junho de 1865 p. 4)

O castelo construído a partir de sua esperança em uma relação com o dândi Emílio conduz os planos de Eugênia, mas ela é consciente da culpa de sua infidelidade e entende o ruir de seus planos como um castigo pelos seus crimes. Desse modo, o que Massa (1971) e Bosi (1982) esclarecem como um fio condutor dessas narrativas da primeira coletânea, muitas vezes é posto em evidência, no final do conto, como a destacar o caráter de moralidade com a punição dos personagens malfeitores.

Silvia Maria Azevedo (1990) destaca outro ponto de unidade sobre as coletâneas: nas narrativas recolhidas nessa primeira antologia o padrão narrativo estaria mais próximo do romance, e somente na segunda antologia o autor começaria a se encaminhar para a forma conto, ainda sem uma tradição literária consistente no Brasil.

A antologia foi publicada por Baptiste Louis Garnier que, em 11 de maio de 1869, assinou contrato com o autor com as seguintes condições:

Joaquim Machado de Assis vende à B. L. Garnier a propriedade plena e inteira não só da primeira edição como de todas as seguintes das suas duas obras: “Contos Fluminenses” e “Phalenas” a razão de duzentos réis por cada exemplar de ambas obras que o editor mandar imprimir, pagáveis pela primeira edição no acto de assignar o presente contracto e para as segundas e seguintes no dia em que forem expostas á venda.

A primeira edição de ambas as obras acima mencionadas serão de mil exemplares cada uma e as seguintes como julgar convenientes o editor. (CONTRATO, ABL, 11.05.1869)

Ao se considerar que esta é a primeira antologia publicada, o valor não é baixo, pois, em 1896, Machado recebe de Baptiste Louis Garnier a quantia de 250\$000 mil réis para publicar 1.100 exemplares de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, um dos livros mais importantes do autor, que lhe rendeu, por exemplar, com as devidas proporções, cerca de apenas trinta réis a mais que *Contos Fluminenses*.³ Os jornais da época divulgavam a coletânea comercializada a 3 mil réis, o que gerava um percentual de lucro de 6% ao escritor por cada exemplar. Apesar de parecer um valor baixo, esse percentual era alto se comparado com a política de negociação de Garnier com outros escritores, mas ao se relacionar com o contrato estabelecido pela venda de *Crisálidas*, cinco anos antes, percebe-se que o lucro do escritor, por exemplar, é o mesmo.⁴

Anos depois, em 1899, a casa Garnier, comandada por Hippolyte⁵, em Paris, lança uma segunda edição, sem conhecimento do autor, o que não lhe agradou. Em carta a Magalhães de Azeredo, datada de 28 de julho de 1899, assim expressa: “A casa Garnier reimprimiu ultimamente um dos meus livros mais antigos, os Contos

³ Vale lembrar que, assim como a antologia *Contos Fluminenses* já tinha tido a maioria de seus contos publicados nos jornais, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* também já havia saído **na imprensa**.

⁴ Lúcia Granja (2013) comparou os contratos dos livros *Crisálidas*, *Contos Fluminenses* e *Falenas* e percebeu que o lucro de Machado era o mesmo, por mais que o escritor estivesse mais prestigiado, àquela altura, uma vez que o contrato previa que em eventuais segundas edições o lucro seria o mesmo.

⁵ Baptiste Louis Garnier morreu em primeiro de outubro de 1893. Após o seu falecimento, Machado começa a negociar com Hippolyte, irmão do livreiro, que morava na França. Por isso, as negociações diretas passaram a ser tratadas com Julien Lansac.

Fluminenses; fê-lo sem que eu houvesse revisto o trabalho, e (creio que por equívoco) sem aviso prévio, e sem lhe pôr a nota de que era edição nova. Por tudo isso não lhe mando um exemplar” (ASSIS, 2011, p. 395).

Nos arquivos da Academia Brasileira de Letras, há uma carta, sem data, de Machado de Assis a Julien Lansac, gerente de Hippolyte, no Brasil, em que o autor reclama:

Quanto aos *Contos Fluminenses*, já lhe disse que deve ter havido algum equívoco, porque não me lembro de haver recebido qualquer comunicação a esse respeito; a reimpressão desse primeiro volume de novelas (datando de 1870) exigiria naturalmente uma revisão, não para alterar-lhe a forma ou o fundo, mas enfim para impedir a reprodução de alguns erros de estilo. Já falamos sobre a ausência da nota “Nova Edição” neste volume, que sem ela vai-se supor ser antigo, e o Sr. prometeu-me escrever ao Sr. Garnier. (ASSIS, 2011, p. 417, tradução da equipe de Paulo Sérgio Rouanet)⁶

A carta ao amigo Magalhães de Azeredo provavelmente é anterior a essa, pois há uma carta do próprio Hippolyte para Machado, de 8 de outubro de 1899, em que se lê: “Aproveito essa ocasião para anunciar que *Contos Fluminenses* está esgotado e que vou proceder à sua reimpressão. Estarei atento para que as menções da *Academia Brasileira* e *Nova edição* não estejam ausentes, como ocorreu por ocasião da tiragem precedente.” (ASSIS, 2011, p. 419, TRADUÇÃO DA EQUIPE DE PAULO SÉRGIO ROUANET)⁷

A rapidez com que se esgota a primeira tiragem merece atenção, até porque, nessa época, o autor já tinha vários outros títulos publicados, mas, mesmo assim, sua primeira coletânea, por mais que tivesse sido acusada de açucarada e de pouco valor, tinha proporcionado grande interesse aos leitores. Exatamente por isso, o editor atende ao que o escritor lhe reclama. Vale observar ainda a preocupação do autor em relacionar sua produção à academia, o que confere à obra uma consagração institucional.

⁶ “Pour ce qui est des «Contos Fluminenses» je vous ai déjà dit qu’il y aura eu quelque méprise, puisque je ne me rapelle pas d’avoir reçu aucune communication, à ce propos; la réimpression de ce premier volume de nouvelles (datant de 1870) exigerait naturellement un révision, non pas pour en alterer le fond ni la forme, mais enfin pour empêcher la reproduction de quelques fautes de style. Nous avons déjà parlé du manque de la note «Nova Edição» dans ce volume, qu’on va supposer d’être ancien, et vous m’avez promis d’écrire à Monsier Garnier.”

⁷ “Je saisis cette occasion pour vous annoncer que *Contos Fluminenses* est épuisé et que je vais faire procéder à sa réimpression. Je veillerai à ce que les mentions *da Academia Brasileira* et *Nova edição* ne soient pas omises comme lors du tirage précédent.”

Em nova carta datada de 30 de outubro do mesmo ano, Machado se dirige para Hippolyte com a seguinte observação:

Quanto ao dos *Contos Fluminenses*, encaminho-lhe um exemplar, segundo seu desejo, com pequenas correções para a próxima edição. Não corrigi nem o estilo nem a composição, porque cada livro deve guardar a marca do seu tempo, e o de *Contos Fluminenses* é meu primeiro livro nesse gênero (ASSIS, 2011, p. 421, tradução da equipe de Paulo Sérgio Rouanet)⁸

Parece ainda que há uma preocupação grande do autor pela materialidade da edição, pois após o tipógrafo fazer as correções apontadas pelo autor, o editor lhe manda nova carta, datada de 12 de fevereiro de 1900, onde se lê: “Quanto aos *Contos Fluminenses*, recebi a prova do título, e concordo com o Sr. sobre a modificação (ASSIS, 2011, p. 427, TRADUÇÃO DA EQUIPE DE PAULO SÉRGIO ROUANET)”⁹

Ao estudar as edições da coletânea, Ana Claudia Suriani da Silva (1998) detecta as alterações e alerta na apresentação de sua obra:

Preferimos apresentar as variantes a partir da primeira e não a partir da última edição de *Contos Fluminenses*, de outubro de 1899, porque esta apresenta erros tipográficos que revelam não ter havido um trabalho de correção do volume de *Contos Fluminenses* para a publicação de novas edições. Na verdade, *Contos Fluminenses* de outubro de 1899 parece ser mera reimpressão da edição de março do mesmo ano, uma vez que a maioria dos erros tipográficos de uma se repetem na outra. (SILVA, 1998, p. 41)

A autora trata justamente das duas impressões (março e outubro de 1899) da segunda edição, as que não foram revisadas pelo autor e, exatamente por isso, reclamadas ao editor. No entanto, a despeito das queixas do autor, a segunda edição faz sucesso, pois, em 10 de junho de 1899, José Veríssimo publica uma notícia elogiosa no *Jornal do Comércio* e Machado escreve-lhe, no mesmo dia, agradecendo:

Não é preciso dizer com que prazer a li, nem com que cordialidade a agradeço, e se devo crer que nem tudo é boa vontade, tanto melhor para o autor, que tem duas vezes a idade do livro; digo duas para não confessar tudo. Já três pessoas me falaram do seu artigo; falaremos sobre isto. (ASSIS, 2011, p. 377)

⁸ “Quant à celui des *Contos Fluminenses*, je vous fait (*sic*) remettre un exemplaire selon votre désir, avec de petites corrections pour la prochaine édition. Je n’ai pas corrigé le style ni la composition, car chaque livre doit garder la marque de son temps, et celui de *Contos Fluminenses* est mon premier dans ce genre.”

⁹ “Pour ce qui est des *Contos Fluminenses*, j’ai reçu l’épreuve du titre, et je suis d’accord avec vous sur la modification.”

Sérgio Paulo Rouanet, no prefácio da edição das correspondências, informa que, dois dias depois, é a vez de Veríssimo agradecer a Machado, que publicara um artigo a propósito da segunda edição de *Cenas da Vida Amazônica*. Se na primeira edição, não há registros da preocupação do autor com a materialidade da edição, as publicações posteriores da antologia revelam um Machado mais cuidadoso, muito atento com o legado de sua obra e com a impressão do público sobre o volume que receberia.

2 A recepção de *Contos Fluminenses* nos jornais da corte e das províncias.

Quando Machado publicou sua primeira antologia, *Contos Fluminenses*, em 1870, não houve uma grande surpresa, pois mais de trinta narrativas suas já eram conhecidas nas folhas públicas. O que causou admiração foi essa coletânea ser publicada no mesmo ano de *Falenas*, seu segundo livro de poesia. Esse lançamento quase simultâneo é citado em várias notícias.

As notas sobre a divulgação dessa publicação são abundantes, lançadas nos jornais mais importantes do Rio de Janeiro. No geral, muitas delas enaltecem a linguagem correta e o estilo “castigado e elegante”, mas algumas vão além, destacando quem teria servido de inspiração para Machado. *A Reforma* (13.02.1870) diz que as influências vem de Theophile Gautier e de Gerard de Nerval, já *O Jornal da Tarde* (14.04.1870) cita Henrique Heine, Mery, Emile Souvestre. Embora ambos oscilem entre a influência alemã ou francesa, há certa similaridade: pelos autores citados, os dois periódicos vêem a produção machadiana como de caráter atemporal, não presa ao Romantismo, isto na década de 1870.

Essa consciência aparece também em uma análise transmitida no *Diário do Rio de Janeiro*, em 17 de fevereiro de 1870, de França Júnior¹⁰. O texto começa por enaltecer a publicação e esclarece que: “Os contos fluminenses foram impressos em grande parte ou todos eles no *Jornal das Famílias*, de que é o editor o mesmo Sr. Garnier.” (p. 3). Vale acrescentar que apenas “Miss Dólar” era inédito; os demais

¹⁰ Joaquim José de França Junior (1838-1890) foi advogado, dramaturgo, jornalista e pintor brasileiro. Também se destacou por escrever diversas comédias teatrais com bastante sucesso. Foi patrono da cadeira 12 da Academia Brasileira de Letras.

havia saído pelas prensas do editor francês, o que é lembrado em outras notícias também. Em seguida, ao caracterizar o estilo, declara que nos textos há “uniformidade nos tipos” e um “pouco vulgar espírito analítico”, o que se coaduna bem com as inspirações citadas nas outras críticas.

Depois há um breve comentário sobre cada um dos contos em que são anunciados alguns aspectos típicos da produção machadiana: ao tratar de “Luiz Soares”, declara haver “certo característico profundo da escola realista, a escola do ceticismo e da descrença, que dá a essa rápida narrativa um cunho de verdade e de naturalidade incontestável” (*DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO*, em 17 de fevereiro de 1870). Machado não gostava de ser relacionado com a estética realista, mas o pessimismo já é observado nesse conto. Além disso, ao comentar sobre “Confissões de uma viúva moça”, França Júnior destaca a análise dos sentimentos íntimos por meio das cartas.

Mas nem só de elogios é feita a crítica. Quando atenta sobre “Frei Simão”, França Júnior pondera sobre a rapidez do relato, o que, segundo ele, minimiza a potencialidade da narração. Essa observação quanto à estrutura do conto machadiano também esteve presente na crítica saída no *Diário do Rio de Janeiro*, em que se lamenta: “É pena que tão rápida seja essa tocante narração”. (17.02.1870). A falta de uma consagração do conto nas letras brasileiras pode ter levado o crítico a não compreender a brevidade do relato ou o processo de amadurecimento da pena machadiana nesse gênero.

Mesmo com todas essas considerações, é possível perceber, nas entrelinhas do texto de França Júnior, termos como “obra sem pretensão”, escrita quando “descansa a lira festejada”, o que revela pouca credibilidade do crítico na veia contista do autor, como se não fossem existir outros livros desse gênero. Do mesmo modo se lê na crítica lançada no *Jornal da Tarde* (04.04.1870), em que se anuncia o volume de contos como um resultado do descanso do autor.

As províncias também divulgam a coletânea: o *Jornal do Recife*, em 8 de março de 1870, apresenta uma notícia elogiosa recortada do *Jornal do Comércio* (RJ): “viva imaginação, mimo e graça, beleza de ideias, brandura de verso, variedade de forma e assunto, tudo se pode encontrar nessa coleção bafejada pelas musas”. Também o *Jornal da Fortaleza* (CE), em 18 de março de 1870, reproduz essa mesma notícia.

A antologia de contos foi comentada no *Jornal do Recife*, em 25 de fevereiro de 1870, reproduzindo uma notícia extraída do *Jornal do Comércio* (RJ) em que é elogiada: “é uma coleção de sete contos escritos em estilo fácil e elegante e narrados com arte, de modo que, embora não haja muita verdade, no fundo só pela forma oferecem agradável leitura”. O *Diário de Pernambuco*, em 4 de março de 1870, extrai uma nota do *Diário do Rio de Janeiro* em que primeiro enaltece o estilo do autor como correto e simples com facilidade nos diálogos e uniformidade nos tipos e, em seguida, ao tratar do volume, caracteriza como “obra sem pretensão, um livro gracioso e elegante, o romancista revelou grande aptidão e pouco vulgar espírito analítico”.

Nos periódicos cariocas, *Contos Fluminenses* teve grande recepção: muitos jornais noticiaram a publicação e elogiaram o estilo do autor e as narrativas presentes. No entanto, em vários textos noticiosos percebe-se, do mesmo modo que a reprodução do *Diário de Pernambuco*, que a obra foi considerada “sem pretensão”, como um descanso da pena do escritor, ou seja, os jornais noticiavam a obra, mas ela não chegou a empolgar a crítica, ou seja, conforme diz Ubiratan Machado (2003, p. 215) o livro não foi recebido com entusiasmo.

Além dessa recepção, é preciso assinalar a percepção do espírito analítico de Machado, também destacado no comentário reproduzido na folha pernambucana, que já antecipa muito do que se falaria do estilo do autor nos anos posteriores. Grande parte das notícias saídas nas províncias são transcritas dos jornais cariocas. O *Diário de Pernambuco*, por exemplo, em 4 de março de 1870 reproduz uma nota saída no *Diário do Rio de Janeiro*, no dia 17 do mês anterior, comentando alguns dos contos.

Vinte e sete anos depois, em março de 1899, Hippolyte Garnier publica uma segunda edição da obra sem consultar Machado, que lhe escreve para reclamar sobre a necessidade de correção no volume e, em seguida, encaminha ao francês um livro com os ajustes propostos para nova impressão, o que ocorreu em outubro, revelando a grande procura pela obra do autor, com tiragem de mil exemplares esgotada em poucos meses.

Então, em 10 de junho de 1899, José Veríssimo escreve uma crítica em virtude do lançamento da segunda edição da obra, mais tarde esse texto foi coligido para o tomo XIX da *Revista Brasileira*, de julho a setembro de 1899. Essa crítica é um texto diferenciado das outras, pois na ocasião Machado já havia lançado cinco livros de contos, pela condição de se perceber o amadurecimento do autor ao longo de décadas

dedicadas à produção desse gênero, e também por tratar-se de Veríssimo, conhecedor das obras e amigo do escritor.

O texto inicia observando o valor histórico da coletânea, pois é onde estão publicados os mais antigos textos do prosador e servem como objeto para se refletir como a produção de Machado na década de 1870 é um embrião do que viria a ser ponto alto da obra do autor como o humor, a ironia e o pessimismo. Daí destaca a ironia disfarçada em “Mulher de Preto” e “Linha Reta e Linha Curva”; a amarga concepção das pessoas em “Frei Simão”; e o egoísmo materno em “Segredo de Augusta”.

E Veríssimo finaliza com uma observação já destacada entre as demais, quando tomada como um aspecto negativo de sua pena: de que, apesar do título, os contos da coletânea não apresentam características próprias de moradores do Rio de Janeiro, pois, para Machado, o meio em que vivem e se movem os personagens não interessa; o que lhe preocupa é o homem:

suas paixões, os seus atos, os seus sentimentos, independentemente da raça, do meio, da paisagem. Ele não tem a preocupação, de fato secundária, de fazer literatura simplesmente descritiva, de costumes, aponta mais alto, ao estudo da alma humana que para ele, se não me engano, é mais ou menos a mesma por toda a parte. Não há como negar que esta é a grande arte, a arte geral e humana (*REVISTA BRASILEIRA*, 1899, p. 128)

Esse interesse destacado por Veríssimo, que a maioria da crítica especializada contemporânea não observa nos primeiros contos, é um dos motivos que torna obras como *Memórias Póstumas de Brás Cubas* tão excepcionais. Mesmo que as personagens trafeguem pelas ruas cariocas, não é a descrição delas que se pretende; é o próprio homem que está sendo exposto, desnudado, destituído de máscaras e apresentado livre de suas dissimulações para uma análise da alma humana, o que evidentemente se aprofunda ao longo dos anos na pena do escritor. Vale lembrar que foi essa ausência de brasilidade explícita que fez Araripe Júnior criticar os contos do autor, fato de que mais tarde se arrependeria.

No mesmo dia em que a crítica de Veríssimo esteve nos jornais, Machado lhe escreveu uma carta de agradecimento onde assegura a boa recepção da nota entre seus pares.

Outra crítica, quando da segunda edição, saiu em *A Notícia* (24-25 de julho de 1899), escrita por J. dos Santos, pseudônimo de Medeiros e Albuquerque¹¹. Da mesma maneira que Veríssimo, o crítico pernambucano vê esses primeiros contos como embrionários do que viria a ser Machado. No texto, Medeiros e Albuquerque, além de concordar com Veríssimo, acrescenta uma informação importante sobre o estilo do machadiano: todas as vezes em que há uma frase mais floreada, logo o autor faz um gracejo eliminando qualquer possibilidade de brotar um tom romântico na história.

Medeiros e Albuquerque destaca também um aspecto crucial na prosa machadiana que já se apresentava nessas histórias: as personagens femininas são muito diferentes das que ilustravam os romances dos outros autores. Machado

gosta dos tipos de mulher que não se alimentam apenas de pétalas de rosas. Deseja antes uma viúva de 28 anos, cuja beleza “anuncia velhice tardia e imponente”, a uma figurinha descorada ou frágil. A Margarida de “Miss Dólar” está neste caso, que é também o da Adelaide de “Luís Soares”, ou da “Mulher de Preto”, o da Augusta, cujo segredo outro conto nos revela, o da Emília, de “Linha reta e linha curva”... Mesmo quando mãe e filha parecem-se extraordinariamente, Machado decide-se pela beleza já, por assim dizer, provada, da primeira. (*A NOTÍCIA*, 24-25 jul. 1899, p. 03)

Dessa forma se esclarece a razão pela qual as delicadas e virgens mocinhas não têm espaço nas tramas machadianas. Marcela, Virgília, Capitu, Sofia, Fidélia e até mesmo Helena estão longe de serem inocentes, frágeis e tolas, independente de serem casadas, viúvas ou solteiras. Machado já esboçava essas mulheres mais complexas, que seriam um traço singular em suas histórias, desde seus primeiros escritos.

A primeira coletânea teve uma ótima recepção, com divulgação em vários jornais e críticas de importantes homens de letras, que teceram notas favoráveis aos textos, publicados com poucas restrições, mas que não viam seriedade na produção do autor, como se Machado, quando escreveu as narrativas breves, estivesse descansando de seu verdadeiro ofício. Já na segunda edição, com o escritor gozando de credibilidade, considerado por seus pares como o chefe das letras nacionais, a recepção é diferente, muito mais elogiosa. Também a venda da obra foi proveitosa, tanto da primeira quanto da segunda edição, esgotando-se rapidamente.

¹¹ José Joaquim de Campos da Costa Medeiros e Albuquerque (1867-1934) foi jornalista, professor, político, contista, romancista e ensaísta. Pernambucano, frequentou o Colégio Pedro II e manteve ligação com vários jornais carioca do final do século XIX. Segundo as *Correspondências de Machado de Assis*, Medeiros e Albuquerque não tinha intimidade com Machado de Assis e tinha desapeço pelas últimas obras do autor.

Essa excelente aceitação, à luz de Bourdieu (1992), pode ser compreendida como resultado da autonomia que o campo literário adquire a partir do século XIX com relações assimétricas e hierarquicamente situadas entre os sujeitos componentes do processo do texto literário: editores, autores e leitores. Esse campo literário é simbolicamente marcado pelos poderes das engrenagens envolvidas na produção, circulação e consumo do material artístico, que influenciam a boa ou má recepção das obras como também afetam sua produção e circulação, possibilitando que um determinado livro tenha duração passageira ou permanente na memória daqueles que constituem a recepção do texto literário.

Para o sociólogo francês, além da dependência do escritor ao público, há uma outra hierarquia:

que se estabelece segundo a qualidade social e cultural do público atingido e segundo o capital simbólico que assegura aos produtores ao conceder-lhes seu reconhecimento. É assim que, no seio do subcampo de produção restrita que, estando destinado de maneira exclusiva à produção para produtores, reconhece apenas o princípio de legitimidade específica, aqueles que estão certos do reconhecimento de seus pares, suposto indício de uma consagração duradoura (a vanguarda consagrada), opõem-se aos que não chegaram ao mesmo grau de reconhecimento do ponto de vista dos critérios específicos. (BOURDIEU, 1992, p. 248)

Obviamente que, com toda essa calorosa recepção, a elite beletrista carioca reconhece o valor da produção machadiana, já construído, ao longo de anos, por meio dos jornais. Ao apresentar essas duas hierarquias, a do autor com o seu público e a dele com seus pares, Bourdieu afirma que a primeira está subordinada à segunda, pois é ela quem vai dar condições para a consagração de uma obra. Vale lembrar que a relação do autor com os principais editores oitocentistas sempre foi muito favorável para ele não apenas publicar seus escritos, como também auxiliar o lançamento de livros de seus amigos.

REFERÊNCIAS

A NOTÍCIA, Rio de Janeiro (RJ): 1894-1916.

A REFORMA, Rio de Janeiro (RJ): 1869-1879.

ASSIS, Machado. **Correspondência de Machado de Assis**. Tomo III – 1890-1900. Org. Sergio Paulo Rouanet, Irene Moutinho e Sílvia Eleutério. Rio de Janeiro: ABL, 2011.

AZEVEDO, Silvia Maria. **A Trajetória de Machado de Assis: do Jornal das Famílias aos Contos e Histórias em Livro** (Tese de Doutorado) São Paulo: USP, 1990.

BOSI, Alfredo et al. **Machado de Assis: Antologia e Estudos**. São Paulo: Ática, 1982.

BOURDIEU, Pierre. **As Regras da Arte: Gênese e Estrutura do Campo Literário**. 1 ed. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo. Companhia das Letras, 1992.

CONTRATO celebrado entre Machado de Assis e o editor Baptiste-Louis Garnier para a primeira edição de Contos Fluminenses e Phalenas. **Arquivo da Academia Brasileira de Letras**. Rio de Janeiro: 11 de maio de 1869.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO, Recife (PE): 1875-1879.

DIÁRIO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro (RJ): 1821-1858.

GRANJA, Lúcia. Rio-Paris: primórdios da publicação da Literatura Brasileira chez Garnier. **Revista Letras**, Santa Maria, v. 23, n 47, p. 81-95, jul./dez. 2013.

GRANJA, Lúcia. “Chez Garnier, Paris-Rio (de homens e de livros)”. In: Lúcia Granja e Tania de Luca (org.). **Suportes e Mediadores**. A circulação transatlântica dos impressos (1789-1914). Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2018.

JORNAL DA FORTALEZA, Fortaleza (CE): 1870.

JORNAL DA TARDE, Rio de Janeiro (RJ): 1869-1872.

JORNAL DAS FAMÍLIAS, Rio de Janeiro (RJ): 1863-1878.

JORNAL DO COMERCIO, Rio de Janeiro (RJ): 1824-2016.

JORNAL DO RECIFE, Recife (PE): 1858-1938.

MACHADO, Ubiratan. **Machado de Assis: Roteiro de Consagração**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

MASSA, Jean Michel. **A juventude de Machado de Assis (1839-1870)**. Ensaio de Biografia Intelectual. Trad. Marco Aurélio de Moura Matos. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

REVISTA BRASILEIRA, Rio de Janeiro (RJ): 1861-1979.

SILVA, Ana Cláudia Suriani da **Linha Reta e Linha Curva. Edição Crítica e Genética de um conto de Machado de Assis**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.